

HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS: HISTÓRIA, IDEIAS E CAMINHOS

Alexandre José da SILVA¹

Doutorando em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO

Fortemente sedimentado no Brasil, o domínio historiográfico denominado *História das Ideias Linguísticas* permite, em seu cerne, a investigação dos saberes linguísticos pautados em dois grandes instrumentos linguísticos considerados revolucionários: dicionários e gramáticas. Pensando nisso, apontar a *história*, as *ideias* e os *caminhos* da *História das Ideias Linguísticas (HIL)* foi a forma encontrada, neste artigo, para apresentar a constituição desse importante campo de conhecimento. Traçou-se, para isso, um panorama a respeito das bases comuns e recorrentes da *História das Ideias Linguísticas no Brasil*.

Palavras-chave: História das Ideias. História das Ideias Linguísticas. Instrumentos linguísticos. Gramatização. História das Ideias Linguísticas no Brasil.

Caminhos iniciais

Este artigo trata de questões concernentes à História das Ideias Linguísticas e, para isso, tece, inicialmente, o esclarecimento de que o objeto a ser estudado por esse *domínio historiográfico*² é oriundo da interação entre duas grandes áreas de conhecimento: história e, mais modernamente, linguística. Assim, já que a manifestação de ideias que circula ao redor de um saber sofre influências resultantes não só de acontecimentos políticos, sociais ou culturais, mas de experiências legadas do passado, ou seja, fatos ocorridos na longa duração do tempo, é fundamental que tenhamos em mente o seguinte: o pesquisador da História das Ideias Linguísticas deve observar a importância da relação interdisciplinar entre história e linguística, uma vez que, até então, eram consideradas disciplinas distintas e não relacionáveis; cada uma delas centrada no seu objeto. História: arrolar de datas e fatos. Linguística: comunicação humana.

Destarte, faz-se necessário indicar o entrelaçamento entre Linguística e História, uma vez que, a partir dessa interdisciplinaridade, poderemos observar a história em sua totalidade e não mais em seu isolamento disciplinar (em voga durante longos anos). Nesse sentido, a aproximação entre as duas áreas revela que

¹ Endereço eletrônico: alegramatica@gmail.com

² Domínio historiográfico: campos temáticos escolhidos pelos historiadores na investigação historiográfica (por exemplo: Ideias, Direito, Religiosidade, Vida Privada).

a História, hoje, mais que arrolar datas e fatos, procura discutir novos objetivos; atitudes perante a vida e a morte, crenças, comportamentos, religiões etc. e a Linguística que, *grosso modo*, estuda o meio essencial da comunicação humana, a linguagem. (FÁVERO; MOLINA, 2004, p. 132).

Uma vez entendida a necessidade de entrelaçar as duas áreas que eram paralelas, mas isoladas, os trabalhos relacionando essas áreas surgem e a História passa a ser vista não apenas como um saber de fatos. Muito ao contrário disso, pensadores modernos dizem que os fatos não possuem realidade exterior e, portanto, dependem exclusivamente de ideias e representações³. Assim, repensar a História passar a ser uma condição *sine qua non*, afinal

Quando se trabalha com fatos ocorridos na longa duração do tempo, e, conseqüentemente, se propõe levar em conta os saberes construídos em estados de sociedades diferentes, pertencentes a áreas culturais eventualmente diferentes, é preciso constituir uma concepção do objeto (os saberes construídos sobre as linguagens e as línguas) tão pouco normativa sobre o plano epistemológico quanto possível. (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 16).

Nesse sentido, do século XIX até o presente momento, é sabido que muitas foram as transformações ocorridas na ciência, na tecnologia e no comportamento humano. E pelo menos nos últimos cem anos, a História viveu muitas transformações, dentre elas o total de sua abrangência e sua possível relação com outras ciências (Sociologia, Antropologia, Psicologia, Pedagogia, Linguística). Segundo Barros (2007, p. 202):

Alguns domínios surgem e desaparecem ao sabor das modas historiográficas – motivados por eventos sociais e políticos, ou mesmo por ditames editoriais e tendências de mercado. Outros surgem quando para eles se mostra preparada a sociedade na qual se insere a comunidade de historiadores [...]. A História das Ideias é um domínio que conquistou sua perenidade no quadro de alternativas historiográficas desde princípios do século XX. Passou por variações no que se refere às concepções das diversas gerações de historiadores das ideias, mas sem sombra de dúvida conquistou um lugar bastante privilegiado no Campo da História.

Sendo assim, surge a necessidade de se investigar novos temas (educação, família, por exemplo) e novos documentos (testamentos, inventários, cartas – manuscritas ou impressas).

³ Para Le Goff (2011), o campo das representações abarca todas e quaisquer transposições mentais de uma realidade exterior e está ligado ao processo de abstração.

Tais fontes de análise subsidiariam interpretações mais consistentes, uma vez que os fatos seriam analisados *pari passu* com seus contextos históricos.

Portanto, é no início do século XX, na tentativa de se construir uma nova concepção de história, pautada em ações como o alargamento em relação à noção de fonte histórica, a observação do fato histórico como uma construção histórica, o desejo de se construir uma história ao alcance de todas as esferas das atividades humanas e o imbricamento com outras áreas (economia, geografia, linguística), em oposição a uma *história tradicional*⁴, que houve, por parte dos historiadores, uma *revolução documental*, já que a tônica das investigações não estava mais nas hagiografias, nas biografias de personalidades notórias ou na descrição de feitos heroicos.

História das Ideias Linguísticas: história – revolução documental⁵

A revolução documental, no que tange ao estudo histórico, revelou que a história tradicional – alicerçada na simples narrativa de acontecimentos ou no simples acumular de documentos – não dava conta de explicar os mais variados fatores – sociais, culturais, políticos, filosóficos, econômicos - vinculados à produção ou à elaboração de documentos. Nesse sentido,urgia a necessidade de se repensar o passado por meio de novos conceitos e hipóteses, tornando a fonte documental um material de comprovação ou não da hipótese levantada.

Logo, a proposta de se fazer uma nova leitura da história surge com o objetivo de se observar outros aspectos que não mais o político. Ao negar o aspecto político da história, qualquer historiador passa, pois, a ampliar o seu horizonte, já que busca novos campos e novos objetos de pesquisa. O caminhar da história, então, vai das posições para as representações, das hierarquias para as relações. Por conseguinte, essa negação do aspecto político do horizonte da História permite ao historiador se aventurar cada vez mais em novos campos e novos objetos de pesquisa.

⁴ Entendida, também, como *história historizante*, que se preocupa com fatos (políticos, militares, por exemplo) e o arrolar desses fatos numa perspectiva meramente descritiva.

⁵ A expressão “revolução documental” faz referência à mudança proporcionada pela Nova História no que diz respeito ao documento histórico. Nos dizeres de Le Goff (2011, p. 133), “a História Nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história essencialmente baseada em textos e em documentos escritos, por uma história fundamentada numa ampla variedade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos iconográficos, resultados de escavações arqueológicas, documentos orais etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme ou, quando se trata de um passado mais longínquo, vestígios de pólen fóssil, uma ferramenta”.

História-problema: Annales – objetivos

O desejo de se construir uma história ao alcance de todas as esferas das atividades humanas e o imbricamento com outras áreas (economia, geografia, linguística), em oposição a uma história tradicional, faz surgir em 1929, na França, a *École des Annales*⁶.

Para os seus fundadores, tornava-se necessário:

- 1) fazer história de todas as atividades humanas e não apenas da história política;
- 2) fazer com que outras áreas viessem a colaborar com a ampla abertura temática a que se propunham;
- 3) fazer com que a história deixasse de ser um empilhamento de narrativas de acontecimentos e se realizasse em torno de uma história-problema⁷.

Desse modo, como bem observou Dosse (2003, p. 370), uma característica marcante originada dos *Annales* é a negação do aspecto político da história. Assim:

Entre os *Annales* dos anos 30 e os dos anos 80, pode-se localizar certo número de continuidades e descontinuidades. A mesma negação do aspecto político dos *Annales* desde seu nascimento, o mesmo procedimento de captação das ciências sociais, de tudo que aparece como novo, a mesma terceira via entre história tradicional historicista e o marxismo ossificado, da qual os *Annales* preencherão os vazios ao investir em domínios inexplorados, e ao mesmo tempo quebra-mares de resistência ao marxismo e substituto deste último: não ideologia, mas mentalidade, não materialismo mas materialidade, não dialética mas estrutura.

Não conformados com a *história historizante*, Lucien Febvre e Marc Bloch iniciaram, pois, o pensamento de uma história-ciência que pudesse construir e reconstruir o passado, fugindo de uma história centrada no arrolamento de datas e fatos. Para isso, o objeto dessa nova perspectiva da história passa a ser o homem, suas realizações e significações no mundo.

⁶ Importante dizer que, em paralelo à criação dos *Annales*, no ano da grande crise econômica mundial de 1929, a revista *Les Annales d'Histoire Économique et Sociale* é idealizada e fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, aproveitando-se da necessidade de se mudar a visão de uma história política para uma história preocupada com os aspectos econômicos e sociais que se impunham por conta do momento de crise.

⁷ Para os historiadores dos *Annales*, história-problema é a história que alcança todas as atividades humanas, que alarga o conceito de fonte histórica e se coaduna com outras disciplinas, objetivando a interdisciplinaridade.

Todavia, não deixaríamos de perceber, ainda, que a análise histórica registraria como fato importante a história militar, a dos reis, da diplomacia, de maneira puramente narrativa, descritiva e, por que não, dogmática⁸.

Por conta dessa antiga narrativa convencional da história, a impaciência de alguns historiadores faz com que uma *Nova História* surja a fim de não apenas recontar o passado, mas derrubar os muros historizantes que circundavam o fazer histórico. O passado precisaria ser cirurgicamente aberto, alargado e interpretado e o procedimento para promover a mudança substancial na compreensão da história seria realizado pelos *Annales*.

Logo, nas palavras precisas de Stuart Clark (2011, p.183-4):

Foi com o propósito de derrubar os muros intelectuais que a circundavam que o medievalista Marc Bloch e seu colega na Universidade de Estrasburgo, Lucien Febvre, fundaram em 1929 o primeiro *Annales (Annales d'Histoire Economique et Sociale)*. Bloch e Febvre desdenhavam o que consideravam ser o positivismo estéril da historiografia oficial⁹ (...) e passaram a julgar irremediavelmente artificial e irrelevante a história centrada em eventos isolados, ligados apenas por sua posição relativa em séries cronológicas.

A Escola dos *Annales*: fases

A Escola dos *Annales*, surgida em paralelo à criação dos *Annales*, apresentava três fases distintas e se alicerçava das mesmas proposições apresentadas no editorial do primeiro número da revista, ou seja, procurava romper com a *história historizante* e promulgar uma nova abordagem.

A primeira fase, encabeçada por Lucien Febvre e Marc Bloch, englobava o período de 1920 até 1945 e alardeava a necessidade de uma mudança abrupta em relação à compreensão

⁸ Para Le Goff (2011, p. 146), é, também, “história econômica, demográfica, história das técnicas e dos costumes e não somente história política, militar, diplomática. História dos homens, de todos os homens, e não unicamente dos reis e dos grandes homens. História das estruturas, e não apenas dos acontecimentos. História em movimento, história das evoluções e das transformações e não história estática, história-quadro. História explicativa, e não história puramente narrativa, descritiva ou dogmática”.

⁹ Provável referência ao pensamento de um dos maiores historiadores do século XIX, no caso, Leopold von Ranke – nascido em 21/12/1795, em Wiehe, Alemanha, e falecido em 23/05/1886, em Berlim, Alemanha. Considerado o pai da história científica, definiu a medida de boa parte dos escritos históricos posteriores, introduzindo ideias importantes acerca do uso do método científico na pesquisa histórica, principalmente quanto ao uso de fontes primárias. Dava ao documento (fonte) uma valorização exacerbada, além de defender a ideia de que a história deveria se pautar pela objetividade. A expressão **Wie Es Eigentlich Gewesen** (mostrar aquilo que realmente aconteceu) é considerada por muitos historiadores um princípio-base. A expressão significa dizer que os fatos históricos deveriam ser apenas apresentados e não interpretados. Para essas poucas palavras a respeito de von Ranke, a seguinte fonte foi consultada: Seminário Brasileiro de História da Historiografia, site: www.seminariodehistoria.ufop.br

da História. Promulgava uma abertura mais ampla nas propostas e métodos de investigação histórica e refutava a história tradicional.

A segunda fase englobava o período de 1945 até 1968 e ficou conhecida como *Era Braudel*. Apresentava a concepção do tempo de longa duração e o método serial (divisão em três partes do tempo histórico: a) o tempo curto – fatos e acontecimentos aparentemente independentes; b) as conjunturas – um ritmo mais lento das variações históricas; c) as estruturas – durabilidade e estabilidade das realidades, um espaço histórico de longa duração).

A terceira fase foi presidida por Jacques Le Goff, ex-aluno de Braudel. Essa geração teve como marca fazer com que a história das mentalidades reaparecesse e ganhasse propulsão. Englobou o período de 1968 até 1989 e centrou seus esforços na vida cotidiana, nas representações, nas interpretações e nas mentalidades; ampliou o conceito de *fonte histórica*, uma vez que se utilizou de uma miscelânea de fontes: testamentos, inventários, documentos religiosos, psicológicos, orais, arqueológicos, entre outros. A História das Mentalidades propõe um trabalho de representação do indivíduo que integra a sociedade, observando o modo de pensar, agir e se comportar desse indivíduo.

Nesse sentido, a História das Mentalidades:

busca identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, interpretada e deixada para a posteridade. Nesse sentido, é necessário pensar essa *história* como um trabalho de *representação*, isto é, como são traduzidas as posições e interesses dos indivíduos que compõem a sociedade, como pensam que ela é, como agem, ou como gostariam que ela fosse. Essa representação passa a ser entendida como uma interligação: uma *imagem presente* suscita um *objeto ausente*, numa relação de interdependência que regula os indivíduos em diversas situações (FÁVERO; MOLINA, 2006, p. 23).

O fato de o conhecimento científico passar por transformações que almejam uma relação de trabalho de não somente um pesquisador, mas das relações entre os pesquisadores das diversas ciências, gera, pois, os conceitos de inter e transdisciplinaridade.

Nesse sentido, vimos frutificar, no século XX, a História das Ideias Linguísticas¹⁰. Entremeadada dos conceitos inter e transdisciplinar, a História das Ideias Linguísticas terá, em seu bojo, a investigação do que seja uma *ideia linguística*.

¹⁰ Segundo Barros (2007), a História das Ideias mantém relações interdisciplinares e intradisciplinares e “o seu interesse tende a se renovar incorporando os demais progressos e novidades que se dão no seio da historiografia e das demais ciências humanas. Com relação às abordagens possíveis aos historiadores das idéias – aos seus métodos e fontes históricas possíveis – são empregadas as mais diversas abordagens, indo das variadas

História das Ideias Linguísticas: ideia linguística

Uma ideia linguística¹¹ é todo saber construído em torno de uma língua, seja como produto de uma reflexão metalinguística seja como atividade metalinguística explícita ou implícita. Destarte, estudar ideias linguísticas vincula-se a “difundir estudos sistemáticos que toquem a questão da história do conhecimento linguístico e da história da língua, articuladamente, explorando novas tecnologias de pesquisas” (ORLANDI, 2001, p. 9) e, também, à “produção da informação sobre o sistema científico constituído pelas ciências da linguagem” (AUROUX apud COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 18).

Assim, aquele que se aventurar pelos meandros da História da Ideias Linguísticas deverá criar as condições para uma reflexão sobre a epistemologia das ciências da linguagem e pela produção de informações confiáveis sobre:

- as teorias antigas, os conhecimentos que elas produziram, os conceitos que elas elaboraram;
- a forma sob a qual os problemas foram colocados e conhecidos;
- ou, ainda, alargando um pouco a problemática sobre as questões mais gerais e mais fundamentais. Como os gramáticos e os linguistas concebem seu objeto em tal ou tal momento? Como foram apreendidos e concebidos os fatos e os dados, as regras e/ou as leis que os organizam [...] (COLOMBAT, FOURNIER; PUECH, 2017, p. 19)

Pensando nisso e corroborando o que diz Auroux (2009), os conhecimentos sobre a linguagem, na história humana, se fundamentaram e se constituíram por meio de dois grandes

possibilidades de análise do discurso aos variados aportes trazidos pelos desenvolvimentos da Linguística e da Semiótica”. Assim, A História das Ideias Linguísticas é uma das abordagens possíveis aos historiadores das ideias.

¹¹ No sintagma nominal *ideia(s) linguística(s)*, importante dizer que o termo *ideia* é fundamental e mais mesuroso em relação às variadas formas que pode tomar o saber na história, ou em outras culturas. Conforme Colombat, Fournier e Puech (2017, p. 16), “a noção de ‘teoria’ apresenta o risco de tomar seu sentido apenas no contexto de certa concepção da ciência, na ocorrência daquela que se desenvolve no Ocidente a partir do século XVIII. Para evitar esse tipo de armadilha, que consiste em supor problemas já tidos como resolvidos, preferimos o termo *ideias* sobre a linguagem e as línguas, que tem a vantagem de ser menos comprometido epistemologicamente; ou, mais exatamente, que concerne a um engajamento diferente, menos normativo [...] Sob esse termo *ideia*, subsumem-se todos os tipos de objetos que ultrapassam largamente aquele de ‘teoria’: há os *conceitos* (por exemplo, as partes do discurso), os *procedimentos* (adição, subtração, mutação, permuta, comparação etc. dos quais dependem os conceitos linguísticos importantes como o da elipse ou da analogia), as *técnicas* (como aquele da demonstração, que explica o recurso aos exemplos, aos paradigmas etc.).

marcos considerados fundamentais: o surgimento da escrita e a gramatização das línguas no mundo.

O primeiro marco, o aparecimento da escrita, é um dos pilares necessários para o surgimento das reflexões sobre a linguagem.

O segundo marco, a gramatização das línguas, mudou detidamente a ecologia da comunicação humana e deu ao Ocidente um meio de conhecimento/dominação sobre as outras culturas do planeta. E é no processo de gramatização das línguas que reside o fato de, entre outras revoluções importantes ao longo da história humana, termos vivenciado a revolução tecno-linguística denominada *Revolução Tecnológica da Gramatização*¹².

O nascimento das metalinguagens

Segundo Aurox (2009), a reflexão acerca do nascimento das metalinguagens apresenta dois tipos de saberes: um saber epilinguístico e um saber metalinguístico.

Quanto ao saber epilinguístico: todo o saber inconsciente que o usuário possui de sua língua e da natureza da linguagem. É o saber que permite o entendimento satisfatório de piadas e jogos linguísticos.

¹² A expressão faz menção à obra **A Revolução Tecnológica da Gramatização**, de Sylvain Aurox. Obra canônica, fundamental e basilar para todos aqueles que se debruçam sobre as questões acerca da gramatização das línguas, saber linguístico, instrumentos tecnológicos e os postulados que regem e orientam os interessados na História das Ideias Linguísticas. Sylvain Aurox é um dos principais especialistas em história das ideias linguísticas da atualidade. É pesquisador do CNRS desde 1979, foi diretor da Escola Normal Superior de Lyon por dez anos, coordenador de grandes projetos de pesquisa no domínio da história das ideias linguísticas e das ciências da linguagem. Disso resultaram obras coletivas por ele coordenadas, como *Histoires des idées linguistiques*, em três volumes. Publicou, entre tantas obras, *Condillac. La Langue des Calculs; Barbarie et Philosophie; La raison, le langage et les norms; La question de l'origine des langues, suivi de L'historicité des sciences; La philosophie Du langage* (em colaboração com Deschamps e Kouloughli). Obras publicadas: 1989-2000: *História de ideias linguísticas* (dir.), 3 vols, Liège, Mardaga; 1990: *As noções filosóficas* (ed.), Paris, PUF; 1992: *A revolução tecnológica da gramatização*, Campinas (Brasil), Editora da Unicamp. (120p, exposição sintética das concepções epistemológicas contidas nos volumes 1 e 2 da História das ideias linguísticas); 1992: *A Lógica das Ideias*, Paris, Vrin, Montreal, Bellamin; 1994: *A revolução tecnológica da gramática. Introdução à História da Ciência da Linguagem*, Liège, Editions Pierre Mardaga, 216p; 1996: *A Filosofia da Linguagem* Paris, PUF, 450p; 1998: *Razão, idioma e padrões*, Paris, Presses Universitaires de France, 350p; 2000: *História, Epistemologia, Linguagem, textos selecionados S. Aurox, Introdução, escolha e comentário N. Bocadorova* (em russo), Moscou, Edition of Progress, 407p; 2002: Aurox, Sylvain et al., Ed. *História das Ciências da Linguagem; Geschichte der Sprachwissenschaften*, Berlim, Walter de Gruyter, vol. 18, coll.: *Manual de Ciências da Comunicação*, 930p; 2001: "Radicalizing Desantism". Jean Toussaint Desanti, um pensamento e seu site, ed. G. Ravis Giordani, Fontenay, Edições ENS, 237-244. As informações a respeito da pequena biografia e da bibliografia do autor estão disponíveis em: www.editoraunicamp.com.br/produto_detalhe.asp?id=893. Acesso em Outubro de 2017.

Quanto ao saber metalinguístico: é o sistema que nos permite a representação da linguagem e, desse modo, o avanço nas reflexões sobre o entendimento e produção de piadas e jogos.

Por isso, o aparecimento da escrita surge como uma revolução tecnológica (considerada a primeira grande e importante revolução, pois desempenhou um papel fundamental na passagem dos saberes epilinguísticos para os metalinguísticos) e a *gramatização*, não como um mero conceito, mas como um fato ao longo de um grande período de tempo (13 séculos), é considerada a segunda grande e importante revolução técnico-linguística.

Gramatização

O processo de gramatização corresponde a uma transferência de tecnologia de uma língua para outra, transferência que não é nunca totalmente independente de uma transferência cultural mais ampla. Essa transferência se fundamenta em dois tipos: endotransferência (endogramatização) ou exotransferência (exogramatização). A gramatização espontânea (fora de transferência) corresponde a uma endogramatização. Um exemplo de endogramatização é a transferência de tecnologia das tradições linguísticas gregas para a língua latina, pelos latinos. A gramatização dos vernáculos europeus a partir das tradições latinas pelos europeus também é um caso de endogramatização. Um caso de exogramatização é a transferência de tecnologia do português para as línguas indígenas pelos portugueses (e não pelos indígenas).

As (endo)(exo)transferências explicam o *processo massivo de gramatização*¹³. Entre as causas geradoras do processo de gramatização, Auroux (2009) aponta as de caráter prático e as de caráter político. No que diz respeito ao *interesse prático* (primeira causa da gramatização), temos:

- doutrinação religiosa;
- relação comercial e política;
- expedições, explorações;

¹³ Oriundo do conceito *Gramatização*, processo massivo de gramatização ou *gramatização massiva* diz respeito ao grande número de publicações de dicionários e gramáticas de diversas línguas do mundo (publicações fortemente vinculadas aos domínios das nações europeias em relação a outros continentes). A gramatização massiva está ligada a necessidades que perpassam os mais variados interesses (religioso, administrativo, exploratório, organizativo-regulatório, expansionista etc.) e terá fim no século XIX (momento de cristalização dos instrumentos linguísticos), sem deixar, entretanto, de criar uma rede homogênea de comunicação, iniciada, obviamente, na Europa (nascido das antigas nações consideradas imperialistas).

- colonização;
- acesso a uma língua de cultura.

Em relação à *política de uma língua dada* (segunda causa da gramatização), temos:

- organização e regularização de uma língua literária;
- desenvolvimento político de expansão linguística de uso interno ou externo.

Assim sendo, fica claro notar o que é fundamental no conceito de gramatização: a gramática passa a ser considerada uma tecnologia e assim uma revolução tecnológica tão importante para a humanidade quanto a revolução agrária do Neolítico ou a Revolução Industrial ocorrida no século XIX .

Por isso, assevera Auroux (2009, p. 65) que a **gramatização** é “*um processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário*”.

Instrumentos linguísticos/Postulados Investigativos

A gramática e o dicionário são *instrumentos linguísticos* oriundos do conceito de gramatização e carregam, em si, acepção de ferramentas ou artefatos tecnológicos. Testifica Auroux (2009, p.70):

A gramática não é uma simples descrição da linguagem natural; é preciso concebê-la também como instrumento linguístico: do mesmo modo que um martelo prolonga o gesto da mão, transformando-o, uma gramática prolonga a fala natural e dá acesso a um corpo de regras e de formas que não figuram juntas na competência de um mesmo locutor. Isso ainda é mais verdadeiro acerca dos dicionários: qualquer que seja minha competência linguística, não domino certamente a grande quantidade de palavras que figuram nos grandes dicionários monolíngues que serão produzidos a partir do Renascimento (o contrário tornaria esses dicionários inúteis a qualquer outro fim que não fosse a aprendizagem de línguas estrangeiras). Isso significa que o aparecimento dos instrumentos linguísticos não deixa intactas as práticas linguísticas humanas.

Destarte, os instrumentos linguísticos são elementos de materialização e instrumentalização que contribuem para a competência linguística do interessado na “técnica pedagógica de aprendizagem das línguas” (Auroux, 2009, p. 43) ou na descrição delas.

Logo, no caso da gramática¹⁴, já que é considerada materialização que permite aprendizagem das línguas ou descrições delas, deve-se perceber que sua estrutura apresenta:

a) uma categorização das unidades; b) exemplos; c) regras mais ou menos explícitas para construir enunciados (os exemplos escolhidos podem tomar seu lugar), além disso, o conteúdo das gramáticas é relativamente estável: ortografia/fonética (parte opcional), partes do discurso, morfologia (acidentes da palavra, compostos, derivados), sintaxe (frequentemente muito reduzida: conveniência e regime), figuras de construção” e, outro ponto fundamental, a constituição de um corpus de exemplos é um elemento decisivo para a gramatização. De um lado, ele é evidentemente o núcleo da língua normatizada. Do outro, sendo construtos teóricos (mesmo quando, ao invés de serem fabricados, eles provêm de citações ou de excertos de um corpus), os exemplos testemunham sempre uma certa realidade linguística. Eles podem não somente disfarçar a ausência de certas regras (ou a impossibilidade na qual se encontra o gramático de formulá-las), como, quando necessário, podem ser invocados contra as regras e a descrição morfológica, ou ainda servir posteriormente para justificar outras descrições e outras regras (Auroux, 2009, p. 67).

Frente ao grande e significativo número de dicionários e gramáticas de diversas línguas do mundo, a História das Ideias Linguísticas (HIL) apresenta *postulados*¹⁵ que conduzem e regem a investigação sobre um saber linguístico. São eles:

- **A definição puramente fenomenológica do objeto**, que subjaz à necessidade de se ter respeito às terminologias usadas na época em que foi produzido o objeto em análise;
- **A neutralidade epistemológica**, que implica não julgar ou determinar se algo é ou não ciência;
- **O historicismo moderado**, que diz respeito à necessidade de se resgatar os fatos históricos que permitirão o entendimento do objeto de estudo, sem, contudo, colocá-los em primeiro plano, sobrepondo-os aos aspectos linguísticos em análise.

História das Ideias Linguísticas: caminhos

Um ponto fundamental acerca da História das Ideias Linguísticas está alicerçado na ideia de que não é possível tratar da questão da língua e de seus instrumentos tecnológicos se

¹⁴ O exemplo de constituição do *instrumento linguístico gramática* ocorre por conta do seu estatuto de notoriedade ao longo da história.

¹⁵ Criados e instituídos por Auroux em sua obra capital *A Revolução Tecnológica da Gramatização*.

não levarmos em consideração a história de seus falantes e, por hiperonímia, conseqüentemente, do povo falante dessa língua. Assim:

Observar a constituição destes instrumentos tecnológicos é tratar do modo como a sociedade brasileira constrói elementos de sua identidade. A produção de tecnologias é parte do modo como qualquer sociedade se constitui historicamente. E a produção tecnológica relacionada com a linguagem é, não há dúvida, lugar privilegiado de observação do modo como uma sociedade produz seu conhecimento relativamente à sua realidade. (GUIMARÃES; ORLANDI, 1996, p. 9).

E, também,

o estudioso da História das Ideias Linguísticas, mais que focalizar a fonte de um pensamento, deverá analisar, no contexto em que foi criada, como frutificou, foi compreendida, difundida, interpretada e representada, mergulhando em sua profundidade, enxergando os fios que a constituíram e todos os seus reflexos (FÁVERO; MOLINA, 2004, p. 144).

Na via de um pensamento científico que cogitasse a importância da questão da língua e dos instrumentos linguísticos nas condições particulares da história brasileira, grupos de pesquisa se constituíram e se cristalizaram nessa empreitada de resgate histórico do saber linguístico no Brasil.

Ideias Linguísticas no Brasil

Em relação aos estudos a respeito das Ideias Linguísticas no Brasil, o *Instituto de Estudos da Linguagem* (Unicamp), no início de suas atividades, estabeleceu como meta “difundir estudos sistemáticos que tocassem a questão da história do conhecimento linguístico e da história da língua, articuladamente, explorando novas tecnologias de pesquisas” (Orlandi, 2001, p. 9). Grupo chefiado por Eni Orlandi¹⁶, objetivava fazer com que a História das Ideias Linguísticas no Brasil se constituísse de instrumentos linguísticos específicos.

¹⁶ As informações a seguir aprofundam a história do grupo e podem ser encontradas no site https://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_05.html (tópico *história*). Acesso em outubro de 2017. O Programa de História das Ideias Linguísticas formou-se a partir de conhecimento produzido em projetos desenvolvidos na década de 1980. Dentre estes tem papel particular “Discurso, Significação, Brasilidade”, projeto coletivo desenvolvido na Unicamp com o grupo de análise de discurso coordenado por Eni Orlandi. Ele incluía, como uma de suas linhas de trabalho, a questão da língua e da brasilidade na qual se desenvolveram estudos sobre a história da língua portuguesa no Brasil na sua relação com as línguas indígenas assim como estudos sobre línguas de

Assim, para tratar de nossa identidade nacional linguística, os seguintes temas foram elencados:

- a - gramatização da língua portuguesa, centrando a atenção sobre o aparecimento das primeiras gramáticas no Brasil, escritas por brasileiros;
- b - conteúdo da gramática, seus títulos, os prefácios, das diferentes edições etc.;
- c - comentários sintáticos, semânticos e lexicais feitos pelos próprios gramáticos;
- d - função dos dicionários no Brasil em Portugal;
- e - filiações a que as gramáticas estavam vinculadas;
- f - instrumentos de jurisdição da língua, aspectos da oficialização de seu ensino, de regulamentação etc.;
- g - processo de alfabetização e da relação da escrita com a oralidade;
- h - línguas africanas e línguas indígenas no Brasil;
- i - processos linguísticos elaborados pela imigração.

Esse conjunto de temas seria importante “para a formação do imaginário que sustenta a constituição da (unidade da) língua nacional, falando sobre sua pureza, sua natureza, etc.”. (ORLANDI, 2001, p.17). Além disso, destaca-se, também, o fato de que o grupo liderado por

imigração. Interessava pois trabalhar com as *línguas em contato* e o que daí resultava, principalmente no caso do Brasil, que é um país de colonização com suas particularidades. É dessa época a publicação de um livro organizado por E. Orlandi sobre *Política Linguística na América Latina*. Os interesses ligados a esta linha de pesquisa levaram E. Orlandi a um Pós-Doutorado na Universidade de Paris VII onde, em um primeiro momento ela organizou um encontro sobre "Cidadania no Brasil e na França" em que se falava sobre questões de cidadania ligadas à Língua Nacional e à Literatura no Brasil. Em um segundo momento, a pesquisadora conheceu S. Auroux, da Universidade de Paris VII, que dirigia um amplo projeto internacional sobre a história das teorias (idéias) linguísticas. Houve de imediato interesse em que se estabelecesse um convênio formal para que também o Brasil, mais especificamente uma equipe da Unicamp, coordenada por E. Orlandi, participasse do projeto História das Ideias Linguísticas, em nosso caso, no Brasil. Esta aproximação se deu no quadro de um convênio estabelecido entre o IEL-Unicamp e a Universidade de Paris VII. Esta cooperação levou à constituição de um projeto conjunto franco-brasileiro, "História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e a Constituição da Língua Nacional", coordenado por Eni Orlandi no Brasil e Sylvain Auroux na França e que teve o apoio CAPES/COFECUB. Ele tinha como objeto específico produzir conhecimento sobre a história da língua e a história do conhecimento sobre a língua. A produção deste primeiro projeto e seus resultados levou a um segundo, também com apoio CAPES/COFECUB: "História das Ideias Linguísticas no Brasil: Ética e Política de Línguas". Este projeto teve a coordenação no Brasil de Eni Orlandi (UNICAMP) e Diana Luz Pessoa de Barros (USP) e na França de Sylvain Auroux e trouxe para o centro de seus interesses, além da história do saber sobre a língua, a questão das relações de línguas como a questão política. Este segundo projeto envolveu na França uma outra relação institucional: a École Normale Supérieure Fontenay/Saint-Cloud, hoje École Normale Supérieure de Lettres et Sciences Humaines em Lyon. Ao mesmo tempo os trabalhos dos projetos foram reunindo tanto outras universidades brasileiras (os nomes destas universidades aparecem junto ao nome dos participantes dos projetos) quanto européias, como a Universidade de Lausanne, na Suíça, e a Universidade de Paris III na França, além de contatos menos formalizados com pesquisadores de universidades da Alemanha e Itália.

Orlandi, ao realizar uma proposição de se fazer História das Ideias Linguísticas, considera que os instrumentos linguísticos se relacionam fortemente com o ensino de língua portuguesa e que esses instrumentos se constituíram, no Brasil, na instituição chave para sua reprodução: a escola. Nesse sentido, um dos períodos mais pesquisados, no que diz respeito à gramatização no Brasil, é o século XIX, pois segundo ORLANDI (2001, p. 8)

é um momento crítico na reivindicação por uma língua e sua escrita, por uma literatura e sua escritura, por instituições capazes de assegurar a legitimidade e a unidade desses objetos simbólicos sócio-históricos que constituem a materialidade de uma prática que significa a cidadania.

Ressalta-se, também, que o imbricamento da História das Ideias Linguísticas com a Análise de Discurso permitiu que os instrumentos linguísticos fossem considerados históricos e ideológicos. ORLANDI (1996, p. 117) explica que “do ponto de vista da análise do discurso, o que importa é destacar o modo de funcionamento da linguagem, sem esquecer que esse funcionamento não é integralmente linguístico, uma vez que dele fazem parte as condições de produção”. Assim, o ponto de vista da análise do discurso permite observar uma outra roupagem na análise dos instrumentos linguísticos: a roupagem do “funcionamento discursivo¹⁷” - investigação da história dos artefatos linguísticos tecnológicos, articulando, pois, o saber institucionalizado sobre a língua e a história da sociedade.

Não poderíamos deixar de mencionar, também, o grupo liderado por Leonor Lopes Fávero que, desde meados da década de 80, procura investigar, também, a História das Ideias Linguísticas. Segundo a pesquisadora, a História das Ideias Linguísticas envolve “todo saber construído em torno de uma língua, num dado momento, como produto de uma reflexão metalinguística ou de uma atividade metalinguística não explícita” (FÁVERO; MOLINA, 2006, p. 24).

No importante livro *As Concepções Linguísticas no Século XIX: a Gramática no Brasil*, Leonor Lopes Fávero e Márcia Molina, na análise que fazem do século XIX no Brasil, mapeiam os principais aspectos constitutivos da recém formada *nação*: Constituição de 1824, o Romantismo e a mentalidade do brasileiro do início do século XIX. Embora o século XIX seja considerado o nascedouro dos instrumentos linguísticos, segundo as autoras, a situação do

¹⁷Segundo a autora: “elaborei esse conceito de ‘funcionamento discursivo’ a partir dos princípios teóricos propostos por Pêcheux e através dele pude empreender uma análise de marcas formais que me remetessem à formação ideológica. Nesse sentido considero relevante para qualquer análise de discurso a observação disso que chamo seu funcionamento”. (ORLANDI, 1996, p. 125).

Brasil no momento em que significativas transformações aconteciam, entre elas, a mudança na forma de governo (de Monarquia para República), não havia, ainda, transformação abrupta no que diz respeito à continuidade de importação de ideias e costumes.

Em meio a esse contraditório panorama, o nosso saber linguístico, segundo as autoras:

teve um desenvolvimento peculiar. Recebemos a língua de nossos colonizadores, a qual, em contato com os vários falares aqui existentes e com outros chegados depois, foi adquirindo características próprias, distanciando-se em alguns pontos do modelo lusitano.

Por conseguinte, gramáticas importantes surgiram (hoje consideradas fundamentais para a nossa história gramatical) e com novas perspectivas teóricas. Dá-se destaque para a gramática de Júlio Ribeiro (1881), pois é considerada

a divisora de águas. Embora houvesse quem afirmasse que ela, na realidade, apenas trasladava em Língua Portuguesa muitos dos dizeres de Mason (1877), foi a primeira a comparar a língua com a espécies humanas. Citando a obra *Le Darwinisme*, de Émile Ferrière, Júlio Ribeiro comparou a língua às espécies vivas que nascem, crescem, desenvolvem e morrem (FÁVERO; MOLINA, 2006, p. 45)

Considerações finais

Neste artigo, apresentar a história, as ideias e os caminhos da *História das Ideias Linguísticas* (HIL) foi a forma encontrada para trazer à baila os principais pontos desse tão importante campo de pesquisa. O entrelaçamento e a sedimentação permitiram confirmar que as pesquisas são volumosas e, hodiernamente, ramificadas para outros instrumentos linguísticos, visto que, no Brasil, os grupos de pesquisa exploram não apenas dicionários e gramáticas (instrumentos metalinguísticos explícitos). Permitiram, também, entender que a História das Ideias Linguísticas guarda diferenças importantes em relação a outro importante domínio investigativo: a Historiografia Linguística¹⁸. Apesar de comumente pesquisadores dizerem que há mais proximidades do que afastamento das áreas, os conceitos de *ruptura* e

¹⁸ Incipientemente, podemos dizer que a *Historiografia Linguística* (HL) é a disciplina preocupada em descrever e interpretar o modo como o conhecimento linguístico, ao longo do tempo, foi estabelecido, desenvolvido e transmitido (Para aprofundamento a respeito da HL, cf. BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à Historiografia da Linguística*. São Paulo: Cortez, 2013).

continuidade, tão sedimentados e propagados pela historiografia linguística, mostram muita diferença em relação ao conceito de *cumulação*, tão importante para a história das ideias linguísticas, afinal um instrumento linguístico como a gramática

é caracterizado, ao mesmo tempo, pela ancianidade de sua origem e por sua orientação didática, presente no longo tempo dos fenômenos de estabilidade de reprodução marcantes. Essa força de inércia foi interpretada por certos historiadores como um fator de “obstáculos epistemológicos” (Bachelard, 1938: 14-9). É às vezes o caso. Mas ela corresponde também a outra característica epistemológica dos saberes linguísticos: sua cumulatividade na longa duração do tempo. Certas noções são inscritas no equipamento conceptual do gramático e do linguista há muitos séculos. Essa longevidade requer às vezes a “tradução” dos saberes veiculados pelas gramáticas, tradução necessitada pela adaptação a uma nova língua-objeto, uma nova metalíngua, ou novo sistema de representação. *Ela não impede, evidentemente, o desenvolvimento de conhecimentos novos*¹⁹, segundo as modalidades e os canais de causalidade diversos que o historiador deve tentar restituir (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 268-9)

E, em últimas palavras, a *Historia das Ideias Linguísticas* contribui para a melhor compreensão do que hoje se produz e se estuda a respeito do idioma, afinal, seus procedimentos de análise fornecem o conhecimento do que foi proposto por autores que se debruçaram acerca de instrumentos linguísticos explícitos e implícitos.

Referências

- ARIÈS, Philipe. A história das mentalidades. In.: NOVAIS, Fernando A. e SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*, São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. 2.^a ed. Campinas-SP: 2009.
- BARROS, José D´Assunção. *História das Ideias – em torno de um domínio historiográfico*. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 199-209, 2007.

¹⁹ É o que presenciamos hoje no Brasil por conta da grande quantidade de gramáticas produzidas por linguistas atuantes em Universidades importantes do país. Tais instrumentos linguísticos apresentam uma metalíngua já há muito presente em gramáticas antigas e tidas como tradicionais e, ao mesmo tempo, uma neometalíngua oriunda das pesquisas linguísticas, já que a terminologia gramatical ganha uma roupagem extremamente nova e, muitas vezes, primogênita. O que vemos hoje, devido a essa grande publicização de gramáticas produzidas por linguistas de renome, são verdadeiras *gramatolinguísticas*, ou seja, gramáticas que mesclam o já cristalizado pela tradição nos estudos gramaticais com as mais recentes pesquisas linguísticas existentes.

CLARK, Stuart. Os historiadores dos Annales, do original The return of grand theory in the human sciences, pp. 177-98. In: NOVAIS, Fernando A. e SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*, São Paulo: Cosac Naify, 2011.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Cristian. *Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.

DOSSE, François. *A História em migalhas: Dos Annales à Nova História*. Bauru: EDUSC, 2003.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia Antonia Guedes. *História das Ideias Linguísticas: origem, método e limitações*. Revista da Anpoll, volume 1, nº 16, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia Antonia Guedes. *As concepções linguísticas no século XIX: A Gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Punicelli. *Língua e Cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.

LE GOFF, Jacques. A história nova. In: NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*: São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. São Paulo: Pontes, 2001.

HISTORY OF LANGUAGE IDEAS: HISTORY, IDEAS AND PATHWAYS

ABSTRACT

Strongly sedimented in Brazil, the historiographic domain called History of Linguistic Ideas allows, at its core, the investigation of linguistic knowledge based on two great linguistic instruments considered revolutionary: dictionaries and grammars. Thinking about it, pointing out the history, ideas and paths of the History of Linguistic Ideas (HIL) was the form found in this article to present the constitution of this important field of knowledge. To that end, an overview was given of the common and recurrent bases of the History of Linguistic Ideas in Brazil. For this purpose, an overview was presented on the common and recurrent bases of the History of Linguistic Ideas in Brazil.

Keywords: History of Ideas. History of Linguistic Ideas. Language Instruments. Grammatization. History of Linguistic Ideas in Brazil.

Envio: janeiro/2018

Aceito para publicação: maio/2018